

## UMA NOVA CONCEPÇÃO NO ENSINO DA HISTÓRIA

Wilson Buzinaro

### Introdução

Durante o estudo dos temas propostos pela Disciplina: Didática do Ensino Superior, o que mais me marcou, tanto na parte do conteúdo, como pela maneira da professora conduzir a matéria, foi a necessidade de se valorizar as experiências, os costumes, as idéias, a bagagem do educando. O processo de assimilação tem que respeitar os limites e as qualidades dos envolvidos no processo. Esta situação fez com que eu repensasse a minha prática pedagógica, principalmente no ensino da História.

Este ensaio tem, portanto, o objetivo de registrar esta minha preocupação com o ensino da história, bem como, promover uma reflexão sobre a necessidade que se tem hoje de respeitar os conhecimentos e as experiências do aluno.

A necessidade de narrar os acontecimentos e as realizações do ser humano possibilitou às gerações futuras o estudo e a compreensão dos períodos históricos. A idéia de narrar a História estava vinculada à possibilidade das futuras gerações evitarem os erros passados, bem como perpetuarem as virtudes deixadas e registradas num determinado

fato. Em nome disso, a História passou a ter um caráter normativo, regrado e conduzindo a mentalidade do povo que a absorvia. Os valores, as tradições, os costumes eram fixados e perpetuados conforme os interesses e vontade dos narradores, que quase sem exceção serviram e servem às aspirações do grupo vencedor.

Como professor de História, percebo de forma gritante as conseqüências desta visão arcaica e descompromissada, que procura inculcar nos alunos apenas o que já está estabelecido, o conhecimento de estruturas e fatos passados que nada, ou quase nada, têm a ver com a realidade concreta e histórica do educando.

Falo quase nada porque é impossível negar que a situação que hoje aí está é fruto dos acontecimentos passados. A narração dos fatos de forma tradicional, porém, não só dificulta a formação da consciência crítica, como trabalha para a manutenção da visão ingênua e descompromissada da História.

Que papel tem o professor na mudança desta realidade? Que conseqüências esta realidade traz para o educando? Trataremos disso mais à frente.

Não quero negar, em absoluto, a importância da História na formação da mentalidade e dos costumes de um povo. O que questiono é que a história tradicional vê o fato numa visão essencialmente política, preocupada com interesses do Estado e com a pura narração dos acontecimentos, pouco se importando com os fatores causais do fato. É evidente que esta narração, além de genérica, procura perpetuar os feitos dos grandes homens e abandona a história dos humildes e dos menos favorecidos, pois o fato

sempre é narrado de cima para baixo. A consequência básica deste tipo de narração é que ela passa a ter um cunho puramente oficial, uma vez que os grandes homens, lembrados pela história, estão sempre ligados ao Estado.

Pergunto-me sempre porque é tão difícil ocorrer o processo ensino-aprendizagem de forma significativa no estudo da História. São os professores os culpados? Os alunos não se interessam? Os instrumentos utilizados são ultrapassados? Como reverter esta situação?

É muito mais tranquilo para professores e alunos continuarem reproduzindo a história tradicional. Ela apresenta o fato de forma parada, sem questionamento, sem análise da conjuntura sócio-econômica e política no qual ele está inserido. Não deixa alternativas, pois a forma que apresenta o fato é única. Por isso, trazer para a sala de aula a narração destes fatos, sem se importar com a compreensão da conjuntura acima exposta, é simplesmente reprodução. E isto qualquer um pode fazer.

Logo no início deste trabalho, colocava que, como professor, percebo nos educandos as consequências estampadas no seu agir, e esta visão arcaica da história.

O aluno está sem identidade. Isto ocorre porque ele não se percebe como sujeito ativo e construtor da sua história. A visão arcaica, oficial e perpetuadora dos costumes está deixando o jovem apático, ou seja, fora do seu contexto histórico-social. Ele não pode se posicionar porque é considerado sem opinião; não pode criticar porque lhe falta informação, não propõe porque tem medo de ser censurado. O que lhe é passado, é oficial. E isso basta.

O aluno é educado para ver as coisas de forma imutável. Na visão da História reprodutora, os fatos não são estanques, e por isso a “descoberta” torna-se um dos pontos essenciais no sistema de avaliação. Algo, que não possibilita compreensão, é fácil de ser decorado.

O aluno é visto como um depósito. Ele passa a receber passivamente os conhecimentos e educa-se para arquivar o que se defronta, perdendo assim o seu poder de criar, de ser sujeito de sua ação.

O aluno não é formado para o compromisso histórico. Esta falta de compreensão e de análise dos fatos passados, de acordo com a realidade concreta do educando, leva o mesmo a se alienar dos problemas que o circunda, tornando-o ingênuo e descompromissado socialmente.

Como pensar em formar a consciência crítica dos jovens, apresentando a eles esta visão ultrapassada e discriminadora dos fatos? É possível conscientizar mostrando a realidade de forma invertida?

Ora, a questão que surge neste momento da exposição é: é possível mudar isto?

Claro que sim. Porém, temos que ter o cuidado para não sermos ingênuos. Quero dizer com isso que a História sempre deve ser analisada dentro do processo dialético. Não há como pensar numa escola nova, desprezando totalmente a tradicional. A nova só tem sentido como proposta alternativa de alterações sempre ao que está aí. Não há como apresentar o fato “puro”, ou seja, como se ele nascesse do imediatismo. Ele é fruto de uma relação que envolve o campo político, econômico, social, cultural. Não é

pura negação de uma visão histórica que vai proporcionar a nova, capaz de modificar a estrutura que aí está.

Então, o que deve ser feito para que a narração histórica torne-se um instrumento de conscientização e de formação para a cidadania?

Acredito que não é este ou aquele fator que deva ser mudado para que haja uma mudança significativa, mas sim a mudança da estrutura enraizada ao longo dos séculos.

Vivemos hoje na era dos especialistas. Cada profissional passa a entender somente, de forma aprofundada, aquilo que pertence à sua área. Isto promove, quando se analisa num todo, a fragmentação do conhecimento. No estudo da História isto é desastroso. Querer analisar um fato periféricamente, ou melhor, parcialmente, é matar o processo de compreensão deste fato. Torna-se impossível uma síntese da história. O aluno que passa a ver o fato de forma fragmentada jamais conseguirá relacioná-lo com o seu momento. O máximo que ele pode fazer é reproduzir aquilo que lhe passam. Ficará este aluno impossibilitado de compreender a conjuntura global do fato. E é exatamente por isso que surge a alienação e o mesmo descompromisso. Faz-se necessário, portanto, analisar os fatos por dentro, valorizando e deixando vir à tona a veracidade dos acontecimentos e das pessoas envolvidas. O aluno não pode ver o fato histórico como algo possível somente aos grandes homens.

Ele tem que se inserir no fato, buscando compreendê-lo dentro da situação histórica que ele vive, percebendo as relações entre os acontecimentos passados e os por ele vivenciados hoje. O compromisso da mudança só surge quando eu me sinto inserido no processo. É aqui que

entra a figura do professor. A assimilação da história é um processo "individual", ou seja, não adianta querer inculcar no aluno os fatos, os acontecimentos. É preciso respeitar a história desse aluno, o poder de compreensão e entendimento dele. Cabe ao professor saber valorizar as opiniões, as experiências, o cotidiano do seu educando. É lógico que não quero aqui criar a história de cada um. Pelo contrário, pois se fizesse isso, estaria contradizendo o que acima afirmei. Só que é necessário, para reverter esta visão arcaica da história, que o educando se sinta construtor da sua história. E para que isto ocorra é preciso valorizar o que ele traz como bagagem e experiência de vida. Em outras palavras, o educando não é um ser passivo, mas sim ativo na compreensão e elaboração da história.

Um dos movimentos mais fortes de resgate da história como formadora de consciência, é a dos negros, através da figura de ZUMBI, o movimento de conscientização se espelha pelo Brasil, procurando mostrar que o negro reagiu, e muito, contra o sistema escravista imposto pelos colonizadores e que perpetua-se até hoje. E assim poderia citar uma variedade de movimentos que a história oficial do Brasil não narrou e por isso não chegou à escola.

Para se escrever esta nova história, faz-se necessário abandonar a visão conteudista que até então norteou o estudo da mesma. A nova história se interessa por toda a atividade humana, cuja base filosófica é a realidade social, as experiências de vida, os relatos familiares, as tradições, os acontecimentos comuns, o dia-a-dia do educando, o cotidiano das pessoas.

A nova postura histórica exige o repensar da expli-

cação dos fatos, sendo a mesma de cunho estrutural e não mais periférico. A síntese proposta pela nova história só será possível quando se entender a relação entre o erudito e o popular, ou seja, quando a narração histórica se preocupar com os “heróis” e os menos favorecidos.